

**AS MARCAS DE ANGOLANISMOS LEXICAIS NA VARIEDADE ANGOLANA:
ANÁLISE DE CORPUS**

**THE MARKS OF LEXICAL ANGOLANISMS IN THE ANGOLAN VARIETY:
CORPUS ANALYSIS**

José Baptista Adriano Victorino

Universidade Agostinho Neto/ Liceu Samuel Lussati do Kunje-Bié -Angola

RESUMO

O presente artigo discorre sobre as marcas de angolanismos no português, variante angolana, identificadas nos textos (jornais *online*) da imprensa angolana e em obras de Boaventura Cardoso, com objectivo de descrever os angolanismos mais usados no português, variante angolana. Tratamo-las, as unidades neológicas, por angolanismos pelo facto de muitas destas possuírem, na sua constituição, elementos das línguas nacionais (por serem faladas no território angolano) ou advierem das línguas bantu faladas em Angola e fazerem parte do léxico activo do português falado em Angola. Estas unidades lexicais, em estudo neste artigo, servem de amostra para comprovar que, de facto, o léxico do português, variante angolana, possui um conjunto de unidades lexicais que nos caracterizam.

PALAVRAS-CHAVE

Angolanismos. Neologismos. Unidade Lexical.

ABSTRACT

This article discusses the marks of Angolanisms in Angolan variant Portuguese identified in texts (online newspapers) from the Angolan press and in works by Boaventura Cardoso with the aim of describing the most commonly used Angolanisms in Angolan variant Portuguese. We refer to these neological units as Angolanisms because many of them have (in their constitution) elements of national languages (because they are spoken in Angolan territory) or come from the Bantu languages spoken in Angola and are part of the active lexicon of Portuguese spoken in Angola. These lexical units, studied in this article, serve as a sample to prove that, in fact, the lexicon of Angolan variant Portuguese has a set of lexical units that characterize us.

KEYWORDS

Angolanisms. Neologisms. Lexical Unity.

Introdução

Partindo do pressuposto de que cada povo é um povo, entendemos que a língua é um dos fatores identitários cultural que denuncia valores, hábitos e costumes de toda e/ou qualquer comunidade linguística. Olhando para forma como os sujeitos falantes da nossa comunidade linguística se servem da língua para se comunicarem, demonstra a riqueza que há no Português falado em Angola ou simplesmente variante angolana nos mais variados domínios linguísticos. Se olharmos para o que se quer apresentar neste artigo, dar-se-á a entender, de forma

objetiva, que se trata sobre as particularidades linguísticas dos falares do português em Angola com suporte da teoria variacionista de Labov. Segundo Sengo (2010, p. 22), “a língua constitui uma entidade que evolui com o tempo, transforma-se e vai adquirindo formas próprias em função do seu uso por comunidades de falantes específicas; ou melhor, adquire novos valores sociolinguísticos, ligados às novas perspectivas da sociedade, que também muda”.

Torna-se saudável o surgimento de unidades neológicas no léxico do português falado em Angola pelo fato de a língua ser heterogênea e expressar a cultura de um povo, olhando pela forma como a falam e ao valor que atribuem às unidades lexicais. Há um conjunto de unidades neológicas no léxico do português falado em Angola que marcam a angolanidade e, deste conjunto, poderemos apresentar aquelas que, na visão de Sacanene (2020), são consideradas como angolanismos pelo facto de advierem das línguas bantu faladas em Angola e/ou resultarem da interferência linguística. Doravante, neste artigo, estas unidades lexicais serão consideradas por angolanismos. Estes angolanismos chegam a traduzir, até certo ponto, uma ideia mais concreta, tendo em conta ao tom semântico que estas unidades acarretam das línguas de origem.

Depois de vários séculos de convivência linguística entre o Português e as línguas nacionais, hoje, o português em Angola transformou-se numa “língua nova”, com sotaque próprio, diferente do de Portugal e do Brasil; recorre constantemente a unidades lexicais e a expressões do quimbundo e de outras línguas angolanas, sobretudo quando quer expressar factos ou realidades socioculturais que o Português não possui e, às vezes, em determinados tipos de discursos, quando quer produzir efeitos estilísticos, dando ênfase a determinada expressão (Costa, 2015, p. 58).

Quando nos referíamos ao tom semântico que os angolanismos possuem, estávamos justamente a querer refletir ou trazer esta abordagem relativamente aos efeitos estilísticos que estas unidades lexicais possuem das línguas de origem que enfatizam os discursos, diferentemente, das unidades lexicais do português europeu em situação de comunicação à nossa realidade. Segundo Silva (2015, p. 25),

recordamos que a língua é uma entidade dinâmica. Da mesma forma que se constata evoluções no contexto de uma realidade cultural, no caso, heterogênea, incorporando a modernidade e novas formas de representação linguística dessa mesma realidade, de igual modo se deve reconhecer a contribuição dada pelos vários grupos de falantes da língua Portuguesa para a construção de formas distintas de a representar. Essa dinâmica é gerada pela própria sociedade, pelas relações entre as pessoas, pela necessidade de estabelecer um patamar de compreensão em que todos se insiram.

O presente artigo, que versa sobre marcas de angolanismos do português, variante angolana, tem como objetivo geral: compreender o funcionamento das unidades lexicais típicas do português, variante angolana. Específicos: definir angolanismos e descrever o seu funcionamento. O tema é de extrema importância, porque é um suporte científico que, de certa forma, vai contribuir para o conhecimento científico das unidades lexicais típicas do português falado em

Angola, que há muito se tem debatido sobre a sua existência/inexistência e, nós, nos propusemos em apresentar as suas marcas por meio de textos da imprensa angolana.

Do ponto de vista estrutural, o artigo é composto por oito pontos, isto é, introdução, quadro conceptual e seus subtítulos, neologismos e sua classificação, situação atual do português em Angola, o léxico contemporâneo do português/variante angolana, angolanismos, constituição do corpus e considerações finais.

1. Variação e mudança linguística

Antes de falarmos da variação e mudança linguística, gostaríamos de dizer que a língua como sistema é dinâmica pelo facto de no seu estudo não descorar os aspetos extralinguísticos que são estudados por Labov na teoria variacionista e não só. A teoria laboviana traz uma abordagem heterogênea da língua porque a mesma não deve ser estudada somente em si mesma, pois, a mesma não existe sem as pessoas que a falem, por isso é necessário relacionar também o valor social que ela possui. E como há esta relação entre a língua e a sociedade, os fatores extralinguísticos como nível de escolaridade e nível socioeconômico dos falantes poderão contribuir na dinamização da língua pelo facto de estes fatores condicionarem de forma direta a língua a adequar-se ao contexto de fala, a época e outros na tentativa de facilitar a comunicação entre membros da comunidade linguística.

É através da língua que o ser humano formula o seu enunciado de modo a exteriorizar o seu pensamento e por ser um instrumento de interação social, procura dialogar com outras componentes sociais. A mesma está suscetível à variação e mudança pelo seu caráter dinâmico nos seus variados domínios (fonético, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático).

A variação linguística denota as formas diversas de falar a mesma língua, isto é, de acordo com vários fatores linguísticos e extralinguísticos que incidem no/sobre o sistema, fará com que cada comunidade linguística realize de forma diferente. Por conta disso temos, atualmente, variantes diversas do português como brasileira, angolana, moçambicana, etc. Para Delbecque (2006, p.270), “a variação linguística é um fenómeno que indica que a língua não é homogênea, mas que é feita de um conjunto de subsistemas ou variedades que apresentam entre si divergências mais ou menos importantes”. Para Mateus e Cardeira (2007, p.80),

a variação é um fenómeno presente em todas as línguas naturais, encaradas como sistemas dinâmicos, e que se traduz pela diversidade de seu uso pelos falantes. As línguas variam no tempo (variação diacrónica) está variação é estudada pela linguística histórica, no espaço geográfico (variação diatópica) um, fenómeno estudado pela dialetologia, a sociolinguística se ocupa da variação na sociedade (variação diastrática) e segundo as modalidades expressivas (variação diafásica).

A mudança linguística designa a alteração fonética, lexical e sintático-semântica de uma língua ao longo do tempo. Como se sabe, a língua não é estanque, pois está em constante transformações por conta de fatores de várias ordens. Pois, pode-se perceber que a língua não é um sistema uniforme nem homogêneo pelo facto de ser feita por um conjunto de subsistemas ou variedades que apresentam divergência entre si. Entretanto, a mudança não deve definir a

variação de um sistema linguístico, mas o contrário é possível registrar variações sem se observar mudanças.

2. Neologismos e sua classificação

A criação de novas unidades lexicais e/ou atribuição de novos significados que se registam numa determinada língua viva, surgem por causa de vários fatores. Como se sabe, a neologia é o processo de formação de novas unidades lexicais ou atribuição de novos significados à uma unidade lexical para designarem novas realidades e o neologismo é o resultado deste processo. Pois, cada vez mais, cresce o interesse de estudo dos fenómenos que surgem do léxico português da variante angolana.

Atualmente, o léxico do português culto falado em Angola apresenta várias unidades neológicas tanto formais como semânticas. Do ponto de vista classificatório, os neologismos classificam-se em: neologismos de forma ou morfológicos e neologismos de sentido ou semânticos.

2.1. Neologismos formais e semânticos

Ao emprego de novas palavras, derivadas, ou seja, aquelas formadas a partir de outras já existentes, na mesma língua ou não, chamamos de neologismo. Para Chicuna (2009, pp.47-48), “os neologismos morfológicos subdividem-se em dois grupos: os internos (criação lexical dentro da própria língua) e externos ou empréstimos externos (criados através da importação de outras línguas)”.

A atribuição de um novo significado a um significante remete-nos a neologismos semânticos. Segundo Sengo (2010, p.25), “[...] o neologismo semântico corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, atribui-se ao significante um conteúdo que não tinha anteriormente, quer esse conteúdo seja conceptualmente novo, quer tenha sido até então expresso por um outro significante.”

As unidades lexicais: *gasosa*, *só* e outras possuem novas acepções em Angola tendo em conta a nossa realidade sociolinguística. *Gasosa*, para nossa comunidade linguística, significa também “suborno” e *só* significa também “por favor”. (c.f., FERREIRA, 2018).

3. Situação atual do português em Angola

Atualmente, o português em Angola não é visto nem tido como era anteriormente, língua do colonizador, isto é, na era da colonização e, posteriormente, língua oficial após a independência. Pois, hoje o português atingiu um estatuto de língua nacional, para além de língua do colonizador, oficial e veicular porque já faz parte do mosaico cultural angolano, visto que já há um bom número de falantes que a têm como língua materna.

Pesou para tal tomada de decisão o fato das línguas angolanas de origem africana possuírem uma zona de difusão circunscrita limitando-se cada uma delas a um determinado ponto do território nacional – o que, por si só, constituía um obstáculo para o desígnio da unidade nacional. A solução passou pela seleção de uma língua que não rivalizasse com os valores de cada uma das etnias em contexto. A L.P era a língua de ninguém, portanto, a língua de todos. Desde essa altura, passa a associar-se à LP a designação de LO, por ser o meio pelo qual se contactam as entidades e as instituições administrativas

do Estado independente e por ser a língua veicular para todo o Sistema de Ensino. (PANZO, 2014, p.50).

Para além da Língua Portuguesa ser oficial em Angola, isto é, língua de escolaridade, da administração e da unidade nacional, também é tida como língua veicular e nacional. Pois, designa-se por língua veicular aquela através da qual uma população plurilíngue comunica-se entre si nas suas relações interpessoais, sociais e comerciais, essencialmente. Segundo Muanza (2010, p.61),

... o Presidente da República de Angola, uma das instituições do Estado angolano, em discurso proferido no dia 11 de Setembro de 2006, no âmbito do 3º Simpósio sobre Cultura Nacional, afirmava»: Devemos ter a coragem de assumir que a Língua Portuguesa, adotada desde a nossa independência como língua oficial do país e que já é hoje a língua materna de mais de um terço dos cidadãos angolanos, afirma-se tendencialmente como língua nacional em Angola [...].

Percebe-se o pensamento do Ex-presidente de Angola Eng.º José Eduardo dos Santos quando afirmou publicamente que, atualmente, a língua portuguesa em Angola ostenta o estatuto de língua nacional, visto que já faz parte no mosaico cultural do país. Em linhas gerais, a língua nacional pode-se entender como a língua falada por um povo de um território determinado e, por refletir uma determinada herança étnico-cultural, representar um elemento caracterizador de uma consciência nacional.

3.1. O léxico contemporâneo do português/variante angolana

O léxico contemporâneo do português falado em Angola está cada vez mais a enriquecer, visto que se regista cada dia que passa entrada de unidades lexicais, tudo porque o contato das línguas nacionais de origem bantu com o português, que vêm mantendo desde a chegada dos portugueses na foz do rio Zaire, dá esta abertura. Relativamente aos estudos rigorosos destas unidades lexicais que hoje fazem parte do léxico contemporâneo do português, variante angolana, datam entre os finais do século XX e início do século XXI como descreve Undolo (2016): “Foram reunidas obras que revelam alguns sinais de variação e mudança no PA, [...] nomeadamente os estudos de Marques (1983), Carrasco (1988), Costa (1997), Mingas (1998), Barros (2002), Cabral (2005) Gregório (2006) [...]” (UNDOLO, 2016, p.61).

Baseando-se na ideia de atualização do léxico que é fruto das necessidades comunicativas tendo em conta a época, tem sido aceite e, é visível esta aceitação por esta comunidade linguística, o uso das seguintes unidades lexicais no português da variante angolana no processo comunicativo, (c.f. SACANENE, 2020; UNDOLO, 2016).

Quadro nº1: Unidades lexicais usadas no português culto de Angola

Unidades Lexicais	Artigo/Definição	Contexto
Banga	<i>s.f.</i> Vaidade	Aquele kota tem muita <i>banga</i> .
Kota/Cota	<i>adj.</i> Mais velho/a	Gostei do discurso da <i>kota</i> Cecília.

Zungueira	<i>adj.</i> Vendedeira ambulante	A <i>zungueira</i> não fez nada, mas foi agredida?
Kumbu/Cumbu	<i>s.m.</i> Dinheiro	Guarda bem o meu <i>kumbu</i> , kota.
Comer dinheiro	<i>v.</i> Gastar	Este carro está a me <i>comer dinheiro</i> .
Chumbar	<i>v.</i> Reprovar ou rejeitar	A proposta do professor foi <i>chumbada</i> pelo director.
Quingla	<i>adj.</i> Cambista ambulante	Aquele <i>quingla</i> não sabe trabalhar.
Kimbandeiro	<i>adj.</i> Curandeiro ou feiticeiro	Soube que aquele kota é <i>kimbandeiro</i> . Tenha cuidado!
Maka	<i>s.f.</i> Problema	Não procura <i>maka</i> onde não há.
Cambuta	<i>adj.</i> Baixo/a	O José não é tão <i>cambuta</i> .
Mambo	<i>s.m</i> Coisa, assunto ou problema	José, não quero me meter <i>nesse mambo</i> .

Fonte: Elaboração própria

Nesta tabela há, de forma diminuta, a demonstração de unidades lexicais que fazem parte do léxico ativo do português, variante angolana. Pois, o uso das mesmas não tem sido exclusivo, isto é, em contextos informais, mas também em contextos formais de comunicação por conta do que já dissemos, o valor semântico que elas carregam da língua de origem. Portanto, o que os pesquisadores nacionais pretendem é normatizar o que já é normal em Angola.

Quadro nº2: Expressões nominais de uso quotidiano

Nome e Adjetivo	Significado
Ndengue	Indivíduo de idade inferior, criança
Candengue	Criancinha
Ngombidi/ngombela	Mulherengo, violador
Nguvulo	Indivíduo diplomata ou responsável
Muangolé	Indivíduo de origem angolana, angolano
Banda	Terra de origem
Zongola	Difamação, mexerique
Mbunda/bunda	Quadris, nádegas, rabo
Nduta	Condutor
Turum	Moto
Desbunda	Diversão, distração, entretenimento
Mambo	Utensílio, coisa, objeto
Ngapa	Feiticeiro/a
Muadié	Indivíduo, fulano, tipo

Fonte: Zau (2011, pp.73-74)

Este estudo relativo a neologismos no português da variante angolana tem sido alvo de muitos pesquisadores angolanos e não só como já nos referíamos. Ora, vamos apresentar pesquisadores que se têm dedicado bastante a estes estudos:

Zau (2011), aborda sobre a língua portuguesa em Angola - um contributo para o estudo da sua nacionalização; Quivuna (2013), aborda sobre lexicologia aplicada ao ensino do léxico em português língua não materna: estudo de caso; Costa (2015), traz uma abordagem excelente sobre umbundismos no português de Angola; Undolo (2016), aborda temas pertinentes sobre a norma do português em Angola; Sacanene (2020), discorre sobre os angolanismos no português e tantos outros que não mencionamos.

Portanto, nota-se que a intenção de todos pesquisadores, nacionais e alguns internacionais que percebem que já é hora de os angolanos terem autonomia linguística, em estudar os fenómenos linguísticos nos mais variados domínios, prima-se na tendência de se criar a norma desta variante linguística assim como aconteceu com Brasil.

4. Angolanismos

Em Angola, tem sido normal o uso de um conjunto de unidades lexicais provenientes das línguas bantu de expressão angolana no léxico do português com uma tendência de, quiçá, normatizar, porque já é normal, esta variante pelo fato de estar a permitir aos sujeitos falantes desta comunidade linguística uma comunicação mais afetiva e expressiva. Se lermos as abordagens de Sacanene (2020), poderemos entender, de forma clara e precisa, os argumentos que se levantam para a análise de angolanismos. Entende-se que os angolanismos se referem às unidades lexicais dicionarizadas ou não, provenientes das línguas bantu faladas em Angola em uso no léxico ativo do português. O seu surgimento decorre do contato entre as línguas locais e o português europeu tendo como resultado desse contato o português da variante angolana que possui as suas especificidades nos mais variados domínios de análise.

O conceito de angolanismo conheceu, ao longo do seu processo de formação e de consolidação, várias designações, nomeadamente: regionalismos (Ribas, 2014) e africanismos (Hamilton, 1975) e começa como movimento de reivindicação fruto da perseguição sistemática aos artistas nacionalistas que clamavam pela liberdade e pela independência do povo angolano. (Sacanene, 2020, p. 150).

5. Constituição do *corpus*

Para a elaboração deste artigo, tivemos de, de uma forma minuciosa, fazer o levantamento de dados para a constituição do *corpus* a partir de textos da imprensa angolana para descrever os fenómenos que ocorrem naturalmente no português culto falado em Angola. O *corpus* de análise desta pesquisa foi constituído por um conjunto de textos extraídos em jornais *online* e nas obras de Boaventura Cardoso, especificamente, Mãe, Materno Mar e Noites de Vigília; Jornal de Angola e Notícias de Angola num período de dois meses, isto é, os textos *online* foram extraídos no dia 30 de junho de 2023 dos jornais ora referidos e, até ao dia 2 de Agosto, havíamos terminado de extrair os textos das obras de Cardoso.

Quanto a representatividade, o *corpus* de análise foi constituído por 20 textos, dos quais 8 *online* extraídos em Jornais de Angola e Notícias de Angola e 12 extraídos nas obras de Cardoso (2006 e 2014). Para o presente artigo, procuramos

analisar 13 unidades lexicais. Primeiramente, procuramos analisar apenas aquelas unidades oriundas das línguas bantu e que pertençam ao léxico ativo do português, variante angolana, e de seguida, procuramos analisar as formas de pluralização destas unidades lexicais.

5.1. Procedimentos metodológicos

De acordo com a natureza de pesquisa do presente trabalho, tivemos de seleccionar os métodos de revisão bibliográfica e descritivo para a sua elaboração, porque são os mais adequados para a linguística de *corpus*. Severino (2013), apresenta-nos uma abordagem sobre a pesquisa bibliográfica que nos ajuda a entender como é feita esta pesquisa pois, sabe-se que se refere àquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos como livros, artigos, teses, jornais etc.

Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

A pesquisa descritiva procura analisar a frequência de ocorrência de um fenómeno, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características, sem manipulá-lo. Tem como finalidade observar, registar e analisar os fenómenos que surgem de forma espontânea. Para a concretização da pesquisa, tivemos de usar os seguintes instrumentos: um computador e um telemóvel que nos permitiram acessar os *sites*, seleccionar, copiar e colar noutra página do *word* os textos de jornais *online* para o seu devido tratamento.

5.2. Corpus de análise

Olhando para a orientação dos métodos seleccionados que nos orientam a apresentar os textos que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico e a partir dos quais desenvolvermos a investigação e a sua devida análise, apresentamos o *corpus* de análise da nossa pesquisa que é um elemento importante para linguística de *corpus*:

“Entre os mutilados se fez silêncio. As palavras do *kota* Lau tinham calado fundo nos corações de todos os presentes. O mutilado da perna esquerda tinha perdido o seu ar arrogante e olhava quão sério para o *kota* mutilado” (CARDOSO, 2014, p. 81).

“Quem governa tem a livre oportunidade ainda que fingida, de se esquecer de seus irmãos, mas nunca pode se esquecer, que onde há asar até o *Funji* frio pode lhe queimar” (JORNAL NOTÍCIAS DE ANGOLA, 2020).

“Durante a visita as infraestruturas dos *Kandengues* Cientistas, no Município de Viana, Crispiniano dos Santos apelou igualmente as Jovens mulheres, adolescentes e crianças a permanecerem dinâmicos para a criação de projectos que venham a beneficiar as suas famílias”. (JORNAL NOTÍCIAS DE ANGOLA, 2022).

“Para além dos passageiros e dos operários, tinham vindo gentes das *sanzalas* vizinhas que tinham ouvido falar das quatro mortes. [...]” (CARDOSO, 2006, p. 56).

“Acrescentou que o sequestro dos menores era do consentimento dos pais (mãe e padrasto), que alegam que os menores se encontravam na “mata”, há mais de três meses, para serem tratados pelo *kimbandeiro* e deixarem de praticar atos de feitiçaria”. (JORNAL DE ANGOLA, 2023)

“[...] da *Mulemba* foi fundado no dia 10 de setembro de 2011. Inicialmente preenchendo as actividades Poesia na *Mulemba* uma produção da Universidade Hip-hop e o colectivo *Levar'te*.” (JORNAL NOTÍCIAS DE ANGOLA, 2022)

Que os cavalheiros e as damas vinham todos pinocas, pipis, as *bangas* todas, ih! Só o estilo! os brilhantes outros, hum! As pulseiras e os fios, hum! Os dourados dentinhos nalgumas importantes bocas, hela! [...].” (CARDOSO, 2006, p. 41).

[...] “sempre que morresse um alto dirigente lá das sóvias e arredores, era uma choradeira quase total e perfeita só faltando mesmo finalizar o luto com *kombas* à nossa moda” (CARDOSO, 2014, p.132).

“Para cúmulo de toda a de”sgraça, não lhe roubaram também a discoteca enriquecida com as novíssimas *ketas* que o Profeta lhe tinha conseguido ainda lhe milagrar?” (CARDOSO, 2006, p. 289).

“[...] O Jornalista Caco Barcellos foi ao Hospital Sírio Libanês, onde no ano passado foi criado o Núcleo de *Liamba* para medicina. Lá, encontrou Ana Victória, de apenas quatro anos.” (JORNAL NOTÍCIAS DE ANGOLA, 2022).

“Eh! Papá Simon, acorda para a vida! Desperta! *Balumuca!* *Balumuca!* (CARDOSO, 2006, p. 164).

“[...] as formigas, as baratas e os ratos já tinham iniciado o delicioso banquete! *Mba!* Que ele xingou então muito feio nas mãos de toda aquela doçura de bicharada!” (CARDOSO, 2006, p. 64).

“[...] um camarada a representar o Partido e o pai da noiva até no cemitério com os seus aqueles sobranceiros ares. *Aka!* Que gente! Alguém que bateu as palmas e pediu silêncio” (CARDOSO, 2006, p. 59).

5.2.1. Apresentação dos angolanismos identificados

De acordo com os resultados apresentados anteriormente, podemos dizer que há um enriquecimento exponencial no léxico do português falado em Angola tudo fruto deste contato linguístico. A seguir, apresentamos os quadros com as suas devidas abordagens.

Quadro nº 3: Angolanismos identificados no *corpus* de análise

Nº	Unidades Neológicas	Artigos/Definição
01	Aka	<i>Interj.</i> Oh!, safá!
02	Balumuca	v. Levanta-te
03	Bangas	<i>s.f.</i> Vaidades
04	Funji	<i>s.m.</i> Prato típico da culinária angolana
05	Kandengues	<i>Adj.</i> Meninos/as
06	Ketas	<i>Adj.</i> Boas músicas
07	Kimbandeiro	<i>adj.</i> Curandeiro, feiticeiro
08	Kombas	<i>s.m.</i> Cerimónia de encerramento de óbito
09	Kota	<i>adj.</i> Mais velho/a
10	Liamba	<i>s.f.</i> cânave, canábis
11	Mba!	<i>Interj.</i> Ora essa!
12	Mulemba	<i>s.f.</i> Espécie de grande figueira de Angola

13	Sanzalas	s.f. Povoação, povoação composta de casebre
----	----------	---

Fonte: Elaboração própria

Apresentamos nesta tabela o conjunto de unidades lexicais selecionadas ou identificadas a partir do *corpus* de análise com os seus valores semânticos. Estes angolanismos exprimem, no seu quadro semântico, valores comunicativos muito particulares, pois exprimem o que traduzido em português não exprimem. Por isso alguns angolanos preferem o uso destas unidades nos seus atos comunicativos diferentemente das que têm origem europeia.

Quadro nº4: Plural dos angolanismos à regra do português europeu

Singular	Plural
Banga	Bangas
Kandengues	Kandengues
Keta	Ketas
Komba	Kombas
Sanzala	Sanzalas

Fonte: Elaboração própria

Esta tabela apresenta um processo de pluralização de unidades lexicais de origem bantu à regra do português europeu. Do ponto de vista estrutural, alguns angolanismos apresentam uma estrutura diferente da proveniência das unidades lexicais e do português, dito de outro modo, estas unidades lexicais apresentam uma alteração de afixos da língua originária e adotam uma estrutura que se adapta ao português e permite o processo de pluralização à regra do português europeu.

Pelo que se tem estado acompanhar pela imprensa angolana, os sujeitos falantes, quer cultos ou não, da nossa comunidade linguística usam estas unidades lexicais, concretamente angolanismos, nos seus discursos, quer orais quer escritos com normalidade pelos valores semânticos e afetivos que carregam.

Portanto, este artigo poderá servir de base às pesquisas relativas aos angolanismos para outros pesquisadores que queiram fazer estudo voltados a este domínio e domínios afins. Como se não bastasse, poderá contribuir também para o conhecimento científico-lexicológico da realidade angolana.

Considerações finais

Com base a análise dos resultados obtidos a partir do *corpus* de análise, pode-se dizer que há de fato a existência de angolanismos no léxico do português variante angolana. Este fenómeno surge a partir da convivência linguística entre o português europeu e as línguas nacionais dando origem a uma variante diferente do português europeu, brasileiro e moçambicano visto que possui um sotaque próprio, do ponto de vista fonético, e outras características nos mais variados domínios.

E nos discursos, orais ou escritos, nos mais variados contextos de falantes cultos ou não, tem sido uma prática constante tendo em conta a nossa realidade sociolinguística tudo porque tem facilitado o processo comunicativo entre os interlocutores nativos pelo fato de estas unidades lexicais conterem um tom semântico mais afetivo e expressivo que, às vezes, o português europeu não possui.

Portanto, deu para comprovar também que do ponto de vista estrutural, alguns angolanismos apresentam alterações consideráveis nos morfemas da língua

originária no processo de pluralização e adotam uma estrutura que se adapta ao português, isto é, à regra do português europeu, como é o caso de “kandengues”.

Referências

- ANGOLA, Jornal. de. **Crianças maltratadas resgatadas pela Polícia**. 2023. Disponível em: <[https:// jornal de Angola - Notícias - Crianças maltratadas resgatadas pela Polícia](https://jornal.de.angola/noticias/criancas-maltratadas-resgatadas-pela-policia)>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- ANGOLA, Notícias. de. **Conflito de Terra Intergeracional em Angola**. 2020. Disponível em: <[https:// Conflito de Terra Intergeracional em Angola - Notícias de Angola \(noticiasdeangola.co.ao\)](https://noticiasdeangola.co.ao/conflito-de-terra-intergeracional-em-angola)>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- ANGOLA, Notícias de. **Crispiniano dos Santos garante apoio aos Kandengues Cientistas de Viana**. 2022. Disponível em: <[https:// Crispiniano dos Santos garante apoio aos Kandengues Cientistas de Viana - Notícias de Angola \(noticiasdeangola.co.ao\)](https://noticiasdeangola.co.ao/crispiniano-dos-santos-garante-apoio-aos-kandengues-cientistas-de-viana)>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- ANGOLA, Notícias de. **Grupo teatral Jovens da Mulemba exhibe “Caso Sexta-Feira13”**. 2022. Disponível em: <[https:// Grupo teatral Jovens da Mulemba exhibe “Caso Sexta-Feira13” - Notícias de Angola \(noticiasdeangola.co.ao\)](https://noticiasdeangola.co.ao/grupo-teatral-jovens-da-mulemba-exibe-caso-sexta-feira-13)>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- ANGOLA, Notícias de. **Profissão Repórter conta histórias de pessoas que usam Liamba para tratamento**. 2022. disponível em: [https:// Profissão Repórter conta histórias de pessoas que usam Liamba para tratamento - Notícias de Angola #ProfissãoRepórter #usamliamba #Cancro \(noticiasdeangola.co.ao\)](https://noticiasdeangola.co.ao/profissao-repórter-usa-liamba-para-tratamento) . Acesso 30 jun. 2023.
- CARDOSO, B. **Mãe, materno mar**. 2.ed., Luanda: Chá de Caxinde, 2006.
- CARDOSO, B. **Noites de Vigília**. Luanda: Texto Editores, 2014.
- CHICUNA, A. M. **Tratamento lexicográfico dos portuguesismos em Kiombe**. 2009, 229f. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2009.
- COSTA, T. M. C. J. da. **Umbundismos no Português de Angola proposta de um dicionário de umbundismos**. 2015. 241f. (Tese de Doutoramento), Universidade Nova Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2015.
- DELBECQUE, N. **A linguística cognitiva**. Lisboa: Instituto Piaget-Lisboa, 2006.
- FERREIRA, K. A. J.. **Plurifuncionalidade pragmático-semântica do morfema só na Variedade Angolana do Português**. 2018. 114f. (Dissertação de Mestrado, Universidade Beira do Interior, Departamento de Letras, Covilhã, 2018.
- MATEUS, M.H.; CARDEIRA, E. **Norma e Variação**. Lisboa: Caminho, 2007.
- MUANZA, M. **Caderno de Estudos Literários e Linguísticos**. Luanda, Mayamba Editora, 2010.
- PANZO, J. B. I. **As representações dos professores sobre o português língua segunda**. Programa de Formação Contínua para Professores do Ensino Primário em Angola. 2013. 279f. (Tese de doutoramento), Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, Covilhã, 2013.
- QUIVUNA, M. **Lexicologia aplicada ao ensino do léxico em português língua não materna-estudo de caso: Escola do 2º Ciclo da Cidade do Wizi**. 2013. 254f. (Tese de Doutoramento), Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2013.
- SACANENE, Bernardo Sipiali. **Análise do funcionamento dos angolanismos no léxico do português**. 2020, 293f. (Tese de Doutoramento), Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Minho, 2020.

SENGO, Alice Graça Samuel. **Processos de enriquecimento do léxico do português de Moçambique**. 2010, 117f. (Dissertação de Mestrado), Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Ana Pita Grós Martins da. **Lexicografia Bilingue de Especialidade E-Dicionário português-Kimbundu no Domínio da Saúde**. 2015, 206f. (Tese de Doutoramento), Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2015.

UNDOLO, Márcio. **A norma do português em Angola: subsídios para o seu estudo**. 2016. 239f. Caxito. Editora: ESP-Bengo, 2016.

ZAU, Domingos Gabriel Dele. **A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização**. 2011. 204f. (Tese de Doutoramento), Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, Covilhã.

Para citar este artigo: VICTORINO, José Baptista Adriano. As marcas de angolanismos lexicais na variedade angolana: análise de corpus. *AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia*. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.97-108, jan./jun. 2025. (Editores: Abias Alberto Catito, UEFS & Maurício Bernardo UEFS ** Coordenação: Alexandre António Timbane).

José Baptista Adriano Victorino é Mestre em Língua Portuguesa pela Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto, Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica do Bengo, é professor de Língua Portuguesa e Literatura no Liceu Samuel Lussati do Kunje-Bié, é membro da Associação de Jovens Escritores do Sul de Angola (AJE-Sul), co-autor da obra: Omunga e Kalon 2ª edição, é membro do VAPA-Projecto de Investigação Linguística do Português em Angola e é pesquisador em Lexicologia e Terminologia. E-mail: vitorinojose975@gmail.com